

A LEITURA E O SUJEITO LEITOR EM TEMPOS DE CIBERCULTURA E CIBERESPAÇO

READING AND THE SUBJECT READER IN TIMES OF CYBERCULTURE AND CYBERSPACE

Noara Pedrosa Lacerda¹

Doutora em Linguística – Universidade Federal de São Carlos/SP.
Pós-Doutoranda - Universidade Federal de Campina Grande.
Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino.

Manassés Morais Xavier²

Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade
Federal da Paraíba-PROLING/UFPB.

Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal
de Campina Grande–PPGLE/UFCG.

RESUMO: A prática leitora sob o viés da cibercultura é uma perspectiva que observa o sujeito leitor no ambiente de interação mais recorrente na sociedade digital contemporânea. Ler nos espaços das mídias digitais chama a atenção para outro padrão sobre as práticas de leitura e sobre os sujeitos leitores que têm se consolidado em virtude de uma concreta constituição da internet como praça mundial do povo, um lugar de alteridade e de fortuita relação com sujeitos de todas as idades e classes sociais. A relação de alteridade entre os sujeitos, os objetos de sentido na arte, na vida e, por isso, na sociedade é aspecto importante para alargar a concepção da leitura na própria sala de aula. As principais bases teóricas que subsidiam esta reflexão são advindas da teoria dialógica da Linguagem, sobre leitura, sujeito leitor e espaços de leitura, com contribuições de estudiosos consagrados sobre a temática.

Palavras-chave: Leitura; Cibercultura; Sujeito; Responsividade; Ciberespaço

ABSTRACT- The reading practice under the bias of cyberculture is a perspective that observes the reading subject in the most recurrent interaction environment in contemporary digital society. Reading in digital media spaces draws attention to another pattern about reading practices and about reading subjects that have been consolidated due to a concrete constitution of the internet as a world square for the people, a place of alterity and of fortuitous relationship with subjects of all ages and social classes. The relationship of alterity between subjects, objects of meaning in art, in life and, therefore, in society is an important aspect to broaden the concept of reading in the classroom itself. The main theoretical bases that support this reflection come from the Dialogical Theory of Language, about reading, the reader subject and reading spaces, with contributions from renowned scholars on the subject.

Keywords: Reading; Cybercult; Subject; Responsiveness; Cyberspace

¹ Endereço eletrônico: pedrosanoara@gmail.com

² Endereço eletrônico: manasses.morais@professor.ufcg.edu.br

Introdução

Conforme Bakhtin (2011, p.261) “todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” e nesta perspectiva, a leitura é uma atividade de linguagem especialmente por lidar efetiva e diretamente com a palavra, com os sujeitos e textos verbais e não verbais, neste último caso em suas mais variadas formas, em todas as áreas do conhecimento e atividades sociais, históricas e culturais. Portanto, mais ainda na atividade humana da leitura, o uso da linguagem tem seu caráter naturalmente destacado e deve ser assim tratada, reconhecida, concebida e trabalhada, sempre na direção do ato que compreende os sujeitos na sua alteridade e singularidade, pois entender a leitura é também compreender os sujeitos leitores. Salienta-se que a discussão aqui proposta refletirá sobre as práticas leitoras no ciberespaço³, mais enfaticamente sobre a leitura literária e de mundo cada vez mais desenvolvidas na já consagrada e multifacetada sociedade da cibercultura⁴.

O texto literário, seja ele uma poesia, um conto, uma crônica ou um romance, na íntegra ou trechos desses textos, possibilitado pela prática da leitura emancipatória⁵, estabelece o elo entre o ético e o estético na vida de cada leitor. O ato responsável e responsivo inerente ao evento leitura permite ao leitor estabelecer as relações devidas pelo encontro de palavras ou pela escuta da palavra outra no texto literário no ciberespaço, como escolha ética e que proporcionará uma estética sobre o ato de ler naquele espaço e não no livro físico. É no texto e pelo texto, na palavra e pela palavra que a leitura efetiva produz e reproduz enunciados únicos na cadeia infinita da comunicação humana, produzindo e reproduzindo sentidos, valores, ideias, conceitos. Portanto, agora, impregnado por outros sentidos dado o novo espaço de leitura, o texto literário é o objeto de alteridade posto em relação ao sujeito leitor, uma vez estabelecido o elo na cadeia da comunicação humana, leitor e texto traçam fios de sentido e jogam suas palavras ao embate e, assim, constituem-se sujeito e texto, numa relação singularizada pelo evento da leitura.

Pensar tudo isso no contexto da cibercultura é, certamente, olhar para os atuais modos e espaços de interação nas redes sociais e nas plataformas de ensino e comunicação que se

³ Para Lèvy (1999, p.17) O termo [ciberespaço] especifica [...] o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

⁴ Conforme Lèvy (1999. P. 17) especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

⁵ Leitura que possibilita um grau de liberdade sobre a escolha do texto e que, por ser livre, alarga a concepção de mundo do próprio leitor. Leitura que liberta, que amplia, que se abre a outras leituras e que permite a compreensão do sujeito leitor no processo de leitura ele próprio é o agente de leitura.

consolidaram ainda mais no período da pandemia e é, além disso, compreender estes outros espaços que têm formalizado e formatado o ato de ler e a comunicação de uma maneira tão única nos tempos atuais.

O desenvolvimento das práticas digitais de leitura tem se consolidado, nos diferentes ciberespaços de vivência, principalmente entre os jovens, uma espécie de território do mundo virtual, democrático no sentido de acesso a todos que querem, desejam, podem ou precisam estar lá. A cibercultura é uma realidade e engloba as mais diferentes práticas, as atitudes, os modos de pensar, de agir e de valorar nos meios digitais. Ler na internet, é uma prática já efetiva para muitos sujeitos que trabalham, estudam, se relacionam, se comunicam e, agora, leem em espaços como o site domínio público⁶, espaço concebido para expor e explorar obras literárias clássicas e populares em formato digital e aberto ao público leitor com interesse.

A prática de leitura como possibilidade de um ato responsável do leitor - aqui visto sem restrição de idade, formação, gênero ou classe social- proporciona o que Bakhtin (2011) apontou como um elo na corrente complexa e organizada de outros enunciados. Uma prática caracterizada pelo RE(conhecimento) do texto e do sujeito leitor, num processo que evidencia o ato responsivo e subjetivo de ler e, para isso, a leitura deve compreender as obras na íntegra e textos de trechos diversos que já compõem o universo cultural e social do leitor nos espaços virtuais que ocupa, o ciberespaço que, conforme Lemos (2010, p.71), “é o fenômeno técnico e social onde estão as redes sociais, é uma tecnologia retribalizante”.

O ciberespaço compreende o lugar de leitura na rede, nas mídias digitais, nos grupos de *whatsapp*, no *instagram*, no *facebook*, nas plataformas de leitura e escrita (domínio público e *wattpad*⁷). É o texto, muitas vezes o mesmo texto, tantas vezes lido, trabalhado com tarefas de diferentes análises ou leituras impostas e propostas pelo currículo, todavia, é também um texto novo, sempre diferente e capaz de atingir de forma singular cada leitor ou o mesmo leitor (de maneiras e sentidos diferentes) naquele momento único de leitura nos espaços virtuais de interação.

Transpor as amarras fatigantes da tarefa escolar e permitir que a leitura determine o sentido e seu acontecimento será um virtuoso percurso para a constituição do sujeito leitor no evento singular de encontrar o outro através da palavra, da leitura literária – recanto de

⁶ <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

⁷ https://www.wattpad.com/?locale=pt_PT (plataforma digital de leitura e escrita aberta ao público. Nesta plataforma o leitor acessa obras literárias e pode reescrevê-las como parceiro autoral ou até transformá-la numa fanfic)

valores sociais, ideológicos e de vida por excelência, marcado hoje por plataformas e aplicativos dedicados à leitura⁸, ou pela leitura não literária.

A leitura de cada um, e de todos, nas plataformas e apps, repercute sentidos únicos que ressoarão no processo de formação e nas diferentes áreas do conhecimento, isto, certamente, democratiza o acesso à leitura que, de certo modo, é uma atividade elitizada no Brasil e parece, falsamente, ser uma atividade ligada somente à escola e suas diretrizes curriculares. Por outro lado, a leitura evento, o ato responsável de ler não se restringe a uma proposta de ensino, a uma parte de um projeto educacional, é ainda mais uma perspectiva que abre caminhos para outras possibilidades de aprendizado e desenvolvimento e está presente em outros espaços ocupados pelo sujeito, como o ciberespaço.

Discute-se muito sobre as capacidades e habilidades leitoras e escritoras desenvolvidas a partir da diversidade de gêneros, aspecto este importante e salutar para o conhecimento dos variados enunciados constituídos pelas também variadas atividades humanas, todavia, não se lançou ainda uma discussão ou reflexão mais fiel sobre as formas, espaços e sujeitos leitores que surgem em comum acordo com a evolução social, histórica, tecnológica e cultural e este é o objetivo deste artigo.

A leitura, mais que qualquer outra atividade, permite o encontro entre as palavras outras e as minhas, palavras emprenhadas de sentido, que dão à luz e já saem grávidas de sentidos outros, uma verdadeira odisseia de conhecimento e valorações. O encontro pela leitura, nos moldes aqui refletidos, com o texto literário e com outros sujeitos leitores nas redes sociais, aplicativos de comunicação ou sites é marcado pela ética de cada sujeito que escolhe ler naquele espaço e não em outro e que, naquele espaço, realiza a leitura a partir de uma nova estética, revelando as transformações culturais de uma sociedade. Este é o momento de, resguardadas as peculiaridades, encontrar na mesma leitura, outras formas e outros espaços que a identifica como tal e ao mesmo tempo a diferencie das demais. No mesmo texto, novas possibilidades de sentidos, temporariamente estabelecidos pela alteridade com o leitor no ato de ler, no evento de leitura e no espaço virtual.

O ciberespaço permite ao sujeito leitor estabelecer os modos de leitura que estejam adequados às necessidades de comunicação naquele contexto, sempre resultado da escuta da palavra outra inerente ao texto e, que está amparada, na relação, no encontro de palavras do texto com as palavras do leitor (vice-versa), estabelecendo o sentido sempre único e diferente.

⁸ <https://espacodeleitura.labedu.org.br/>
<https://www.arvore.com.br/>

Seja através de um PDF da obra num domínio público, disponível democraticamente para leitura, ou numa plataforma que permita ao leitor uma interação direta com a escritura da obra, permitindo a alteração do enredo como numa parceria autoral. Ler é uma das formas de agir no mundo das redes.

O sujeito leitor sobre e sob a leitura

O sujeito leitor, como qualquer sujeito situado no tempo e no espaço social, caracteriza-se pela necessidade da relação com outros sujeitos e objetos para constituir-se como tal, sempre na relação, para através do contato com este outro encontrar a si mesmo. É na relação do eu- para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim que ocorre a constituição, a construção do eu que não acaba em mim ou no outro, mas ecoa infinitamente em busca de sentidos outros.

Na leitura é assim, os sentidos não são e nem estão amarrados, embora também não estejam soltos, estão entrelaçados aos diferentes contextos de produção e/ou modos de recepção e, no caso especial da leitura no ciberespaço, a recepção compreende a formatação do espaço digital e legitima o ato de ler como evento nos moldes da cibercultura. O encontro de palavras nas redes é muito intenso, fluido, convocativo, provocativo, nunca neutro ou sem intenção, considera o lugar e contexto histórico ou cultural envolto sobre o ato de ler e seu sujeito-leitor e estes aspectos são propícios à leitura enquanto evento de sentidos.

Portanto, configura-se o mesmo e o diferente pela e com a leitura literária ou de outros textos no ciberespaço, inclusive a leitura do próprio ciberespaço, contemplação ética e estética nas práticas de leitura em lugares outros fora da escola, mas marcados pelo encontro, pela interação e comunicação. Bakhtin, a partir de seus fundamentos da filosofia da linguagem, tem muito a contribuir sobre as práticas de leitura que ocorrem em espaços virtuais. Partindo, portanto, do seu horizonte mais concreto que é a relação constitutiva entre o eu e o outro – a alteridade - o lugar da constituição das particularidades, do acabamento temporário ou relativo, pode-se voltar o olhar com intensidade para a leitura, percebendo-a como evento permeado pelo sujeito e todas as suas implicaturas.

Deve-se, assim, compreender a leitura como sendo este evento, dentre outros possíveis, onde se dá a arquitetura bakhtiniana que sugere a constituição do sujeito singular, diferente do sujeito anterior à leitura, inserido no campo das práticas de leitura em espaços

diferentes da sala de aula, marcados e legitimados como outros lugares de dizer e fazer pela leitura literária e de mundo.

De acordo com Geraldi (2013, p. 6), “somos a alteridade que nos constitui, mas não somos reprodução dessa alteridade porque somos agentivos por nossas contrapalavras”. Sendo assim, a leitura literária se dá também em outros espaços, marcadas as contrapalavras deste outro sujeito leitor, engajado no ciberespaço e numa cibercultura das redes sociais.

Ao refletir a prática de leitura à luz das ideias geraldianas sobre leitor e alteridade, conseguimos vislumbrar a constituição do sujeito leitor singular pela leitura no ciberespaço - seja no grupo de *whatsapp*, no *instagram*, nas plataformas e aplicativos de leitura - constituído como praça do ler, escrever e ser na contemporaneidade. Somos sujeitos de linguagem, logo nos constituímos pela linguagem e suas múltiplas possibilidades nesta rede infinita que o ciberespaço tem organizado.

Das diversas atividades humanas, a leitura deve ser compreendida como o evento da linguagem por excelência, e dessa forma, quando leitor e texto são colocados, pela leitura, na arena do ciberespaço e se confrontam numa relação mútua de construção e desconstrução de sentidos, a relação de linguagem é intensa. A palavra é capaz de registrar as fases mais transitórias e mais efêmeras das transformações sociais, além disso, a palavra tem o poder de nos registrar, nos fazer e trazer marcas no tempo e no espaço. Além disso, o próprio ciberespaço é uma construção material e social e, portanto, passível também de leitura, de acordo com Lemos (2004, p. 15) “o ciberespaço é, ao mesmo tempo, lócus de efervescência social e canal por onde circulam formas multimodais de informação”.

Nas redes, nas plataformas, nos sites e aplicativos destinados agora à leitura, há uma dimensão concreta que incide sobre este evento enquanto prática inserida no campo de atividades humanas comuns na contemporaneidade. Todos esses aspectos transformam a linguagem, a leitura e, portanto, a constituição dos sujeitos e, por isso, devem ser considerados.

Para uma concepção de leitura como caminho de constituição de sujeitos a partir das singularidades, há também a emergência, num resgate ideológico e dialógico dos ideais democratização e liberdade sobre as atividades de leitura, sem os aspectos que determinem ou encaixotem métodos de leitura, mas que permitam o encontro. O ciberespaço pode ser esta praça do encontro com a palavra outra de outro modo que difere daquilo que se concebe como currículo para leitura, mas que é leitura na sua forma mais democrática até então vista. Todos que têm acesso àquele espaço virtual têm acesso à leitura de variadas formas – o texto

literário na íntegra através do domínio público no formato de PDF, através de *prints* compartilhados com trechos de obras literárias, através de vídeos com interpretações de poesias de autores consagrados, etc.

O ato de ler é responsável, é responsivo e remete às ideias de liberdade, igualdade e fraternidade, conduz à instauração do princípio da alteridade como processo humanizador, seja por compreender o outro como o estalão (a medida) de nossos atos, seja por conceber que todo sujeito é um ser em construção, inconcluso por excelência.

Ao refletir sobre o sujeito bakhtiniano - o eu e o outro - e o evento leitura, reflete-se também sobre o fato de que o texto é objeto de leitura e assim se torna somente quando de fato é lido, ou seja, quando pela leitura estabelece a relação entre o eu e o outro; para assim dizer o que Bakhtin (2011, p. 307) já tinha dito em *Estética da Criação Verbal* “ [...] O texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências, a única da qual podem provir essas disciplinas e esse pensamento.[...]”, assim sendo, o ciberespaço também é uma composição de textos diversos e abertos ao leitor.

O texto como enunciado concreto, no evento leitura, propicia a constituição do sujeito (o eu e o outro), na relação de alteridade com a leitura que é possível, real e produtora de sentidos. Vê-se, portanto, a leitura como caminho de aproximação entre o eu e o outro, processo estruturante da alteridade, uma prática de construção de sujeitos.

O princípio arquitetônico do mundo real do ato é contraposição concreta, arquitetonicamente válida, entre o eu e o outro. A vida conhece dois centros de valores, diferentes por princípio, mas correlatos entre si: o eu e o outro, e em torno destes centros se distribuem e se dispõem todos os momentos concretos do existir. Um mesmo objeto, idêntico por conteúdo, é um momento do existir que apresenta um aspecto valorativo diferente, quando correlacionado comigo ou com o outro; e o mundo inteiro, conteudisticamente uno, correlacionado comigo e com o outro, é permeado de um tom emotivo-volitivo diferente, é dotado, no seu sentido mais vivo e mais essencial, de uma validade diferente sobre o plano do valor. Isto não compromete a unicidade de sentido do mundo, mas a eleva ao grau de unicidade própria do evento. (BAKHTIN, 2012, p.142)

A unicidade própria do evento leitura, concretizada em nossa vivência em espaços escolares e agora muito realizada nos ciberespaços, promoverá a constituição do sujeito leitor sempre no movimento do acabamento provisório. O ato vivo e experiencial da leitura como percurso de si e do outro, numa relação de construção mútua e contínua, se dá de forma veemente na internet por ser o espaço da vivência de um considerável número de sujeitos na arquitetura do ciberespaço e do mundo real.

A leitura - processo de construção de si e do outro

A leitura seria o lugar privilegiado, citado por Geraldí (2013) em Portos de Passagem, posto ser evento de produção de linguagem, de interlocução e, portanto, compreendido também como lugar para constituição de sujeitos. No ciberespaço, a leitura instaura-se como evento na linha do tempo e se torna concreta na singularidade do momento em que se enuncia, além de tornar-se outra leitura em um espaço constituído por diferentes redes de sentido e comunicação, com configurações e linguagens próprias. É esta relação com a singularidade que faz parte indissociável do processo constitutivo da leitura, da linguagem e dos sujeitos leitores em plataformas, sites, aplicativos. Para Soares (2002), a leitura e a escrita em espaços digitais configuram uma forma diferente de compreensão, um novo estado e condição de letramento:

Em síntese, a tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento. Embora os estudos e pesquisas sobre os processos cognitivos envolvidos na escrita e na leitura de hipertextos sejam ainda poucos (ver, por exemplo, além das já citadas obras de Lévy, também Rouet, Levonen, Dillon e Spiro, 1996), a hipótese é de que essas mudanças tenham conseqüências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um letramento digital, isto é, um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. Para alguns autores, os processos cognitivos inerentes a esse letramento digital reaproximam o ser humano de seus esquemas mentais [...](SOARES, 2002, p. 151)

Destacar a leitura a partir da interlocução, da relação indiscutível com o outro é olhar para este ato sob a perspectiva da singularidade dos sujeitos leitores em constante constituição no tempo e no ciberespaço, ou seja, pensar a leitura como interação, como o lugar de produção de linguagem e, portanto, dos sujeitos, que neste processo se constituem pela linguagem e depreendem outras linguagens, outros letramentos.

Na perspectiva dos sujeitos e seus processos de comunicação, assim diz Geraldí (2013, p.6):

b) que os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como “produto” deste mesmo processo. Neste sentido, o sujeito é social já que a

linguagem não é trabalho de um artesão, mas o trabalho social e histórico seu e dos outros e é para os outros e com os outros que se constitui. Também não há sujeito dado, pronto, que entra na interação, mas um sujeito se completando e se construindo nas suas falas; c) que as interações não se dão fora de um contexto social e histórico mais amplo; na verdade, elas se tornam possíveis enquanto acontecimentos singulares, no interior e nos limites de uma determinada formação social, sofrendo as interferências, os controles e as seleções impostas por esta. Também não são, em relação a estas condições, inocentes. São produtivas e históricas e como tais, acontecendo no interior e nos limites do social, constroem por sua vez limites novos.

São processos de letramento que ocorrem na relação entre os sujeitos nestes ciberespaços, com atividades de leitura, dentre tantas outras que lá realizam. São concretas as novas perspectivas dadas para esta prática, segundo dados apontados em pesquisas para o trabalho Retratos da Leitura no Brasil (ano base 2015), os jovens brasileiros leem muito e isso tem reflexo no trabalho da educação também.

Todavia, ainda é preciso pensar a leitura como interação verbal e instauradora da alteridade necessária aos sujeitos do processo e ainda mais, pensar a leitura nos outros espaços que diferem da sala de aula, mas marcam os novos espaços de convivência de sujeitos sócio-historicamente engajados. Portanto, a leitura no ciberespaço funciona como o momento-espaço da arquitetônica do eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim que permite a constituição de sujeitos leitores.

Enquanto ser humano e sujeito social, cada um assume responsabilidades, tem um ponto de vista, uma religião, uma filosofia, toma decisões que só podem ser tomadas daquele contexto ocupado pelo sujeito naquele exato momento. Ao ler, o sujeito estabelece o encontro com a alteridade, um conceito que direciona uma reflexão sobre o evento da interação e que somente através dele cada sujeito se constitui em suas singularidades. A alteridade não está apenas nas relações cara a cara e amigáveis, onde se concorda com tudo que é dito, também está na escuta, no silêncio, na discordância e em outros lugares, como os vários espaços na internet. Os sujeitos são constituídos constantemente na relação com o outro e, é nesta perspectiva que a leitura encontra seu caráter de evento propiciador da construção de sujeitos sociais, na inter-relação deste ‘espaço-momento’ de diálogo e de escuta que fala através da leitura.

Em Para uma filosofia do ato responsável (BAKHTIN, 2012), o autor lança diversas reflexões filosóficas que permitem compreender os atos humanos, e nessa perspectiva, compreender o lugar singular de cada sujeito no processo da vida e de suas ações, sempre

resultante e resultado de um ato responsável e responsivo em uma dada esfera da atividade humana. Nessa perspectiva e sob esse viés, entende-se que o sujeito ocupa esse lugar único na existência, mas é na relação com o outro na vida e na arte - poderia dizer também na leitura - que se determina esse ato responsável/responsivo, quando há uma “compreensão responsiva que salienta a conexão entre compreensão e escuta, escuta que fala, que responde, mesmo que não imediata e diretamente; por meio da compreensão e ‘pensamento participante’.” (PONZIO, 2012, p. 11).

Ler é o ato que oportuniza o encontro de si mesmo na palavra alheia, que naquele ato agora se torna palavra sua. É buscar o acabamento do seu ser sujeito na palavra outra, que já se tornou sua, numa contribuição mútua e constante do evento. A leitura é uma negociação e como tal pressupõe dois lados com propostas próprias para seus benefícios ideológicos, mas que sempre permitirá e até necessitará da flexibilidade do eu e do outro a conexão estabelecida.

Um ato essencialmente dialógico e responsivo, por assim ser é encontro de palavras minhas e palavras alheias, é momento de interação, ler é diálogo intenso e produtivo de palavras, de sentidos. Segundo Geraldi (2012):

[...] O diálogo é a maneira criativa e produtiva do eu se aproximar com suas palavras às palavras do outro, construindo uma compreensão que, por não ser mero reconhecimento dos signos usados, é sempre uma proposta, uma oferta, uma resposta aberta a negociações e a novas construções. Os sentidos jamais se fecham e jamais estão sozinhos: eles vêm acompanhados da entonação avaliativa, e esta é o modo de marcar materialmente posições socioideológicas. Se não há signo sem ideologia, não há diálogo efetivo sem os necessários deslocamentos, ainda que mínimos, de uma posição para compreender a outra posição, e dela retornar para a sua posição, enriquecido pelo embate produtivo do encontro de consciências equipolentes, [...], mas não independentes das condições sócio-históricas de suas constituições. [...] (GERALDI, 2012, p. 15-16)

Portanto, sendo a leitura dialógica em si, não há como neste ato responsável e responsivo, os sujeitos envolvidos não se constituírem também por optarem ler em ciberespaços. Ou seja, constituem-se também em função do ciberespaço e seus sentidos éticos e estéticos, um espaço que significa cultural, histórico e socialmente. E o compromisso nessa perspectiva é buscar nas práticas de leitura a liberdade do encontro da palavra que escuta o passado, mas não o reproduz simplesmente, estabelece novos e diferentes sentidos; e projeta novos enlaces para o futuro, além de abrir possibilidades às desconstruções de sentidos e

práticas: ler no ciberespaço marca outro leitor de outra época e cultura.

O ato responsável de ler no ciberespaço

A ideia de responsabilidade pensada por Bakhtin (2012) demonstra o ato ético e se instaura na correlação do mundo real, da vida com o mundo da arte, da cultura. Assim vai apresentando, em seu trabalho sobre o Ato responsável, que cada sujeito inserido no mundo comporta um ato diante da vida, diante do outro que reflete e refrata a alteridade. Portanto, pensar a leitura em ciberespaços enquanto evento, e neste apropriar-se do conceito de ato responsável, conduz à reflexão de um tempo-espaço único fora da leitura que oportuniza compreender o sujeito sob a ótica da ética e da estética, no processo de apropriação daquele espaço como lugar de vivências e seu processo de constituição e de não-álbe na sua existência.

O mundo em que o ato realmente se desenvolve é um mundo unitário e singular concretamente vivido: é um mundo visível, audível, tangível, pensável, inteiramente permeado pelos tons emotivo-volitivos da validade de valores assumidos como tais. É isso que garante a realidade da singularidade unitária deste mundo – a singularidade não relativa ao conteúdo-sentido, mas a singularidade emotivo-volitiva, necessária e de peso – é o reconhecer-me insubstituível na minha participação, é o meu não-álbe em tal mundo. [...] esta participação transforma cada manifestação minha – sentimentos, desejos, estado de ânimo, pensamentos – em um ato meu ativamente responsável.” (BAKHTIN, 2012, p.117-118)

A leitura tem, essencialmente, o caráter trans(formador) e a internet, com suas plataformas, aplicativos e sites voltados à leitura, representa um espaço-tempo do conhecimento por vivência. Sendo assim, é interessante apropriar-se da leitura evento como momento do ato da des (construção) do sujeito leitor, espaço-tempo da constante e inefável busca da completude de si e do outro. O ato responsável do sujeito leitor se dá no processo de leitura, aquele que o possibilita leitor, não outro processo que o reduz a mero reproduzidor de sentidos pré-estabelecidos nas tarefas. O ato responsável, pensado a partir da leitura evento, é uma construção de sentido, um processo de re(conhecimento) de si e do outro na relação.

Com o passar da história, transformam-se os espaços, a sociedade, a cultura e a concretude destes traz consigo a marca do passado e do presente; também na leitura é assim, o que antes era inovador, hoje é ultrapassado, sem graça. Porém é naquilo que já foi

ultrapassado que se alicerça o presente e uma perspectiva do futuro, as práticas de leitura têm esse caráter temporal e espacial também, sendo a mesma leitura num novo evento.

Antes materializados somente em livros nas bibliotecas e escolas (ou de maneira mais restrita, em acervos particulares de intelectuais), agora a leitura adquiriu outras materialidades, por isso novos nomes, é a leitura digital (*E-books, kindle*, plataformas de leitura, fóruns de leitura e discussão, grupos de leitura no *whatsapp*, tudo em ciberespaços ou espaços digitais), são na verdade diferentes materialidades e formas de proporcionar a leitura que refletem e são refletidas pelas necessidades tecnológicas e comunicativas contemporâneas. Para Lèvy (2002, p. 172), “o uso crescente das tecnologias digitais e das redes de comunicação interativa acompanha e amplifica uma profunda mutação na relação com o saber” e por que não compreender que alterou a relação com a leitura?

A experiência da prática de leitura como evento carrega consigo a sua indispensável unicidade real, legitimada em uma realização única e singular do sujeito do ato ético, que escolhe, que age. Desta forma, a leitura adquire vida revestida da percepção do sujeito neste existir, no passo que a leitura também é objeto de alteridade, porque frente a ela, o sujeito se constitui romântico, irado, comovido, feliz, empolgado ou triste.

O contexto de valor do qual a leitura é evento, é prática libertadora, também é o contexto do existir do sujeito-leitor singular – a leitura evento é valorativamente afirmada pelo sujeito-leitor no processo de constituição e na sua vida em seus espaços e tempos. O que está para reflexão é o fato de que o componente valorativo é, aqui, condicionado pelo lugar único ocupado pelo objeto ou pelo sujeito na arquitetura concreta do evento leitura, é o ponto de vista singular do participante no evento. Mesmo na relação imanente com o outro, eu é que respondo pelos meus atos, aquele foi o meu excedente, trouxe apenas aquilo que já era meu, mas o eu sozinho não consegue resgatar.

Se passarmos agora à arquitetura real do mundo vivido da vida, do mundo da consciência que age de modo participante, notaremos antes de tudo uma diferença arquitetônica de princípio entre a minha singularidade única e a singularidade de cada outro ser humano, seja estética ou real, entre a concreta experiência vivida por si mesmo e a experiência vivida pelo outro. O valor concretamente afirmado de um ser humano e o meu valor-para-mimmesmo são radicalmente diferentes. (BAKHTIN, 2012, p.141)

As diferenças aqui ressaltadas não implicam negação ou distanciamento entre os sujeitos, entre o eu e o outro, trata-se sim de relação de completude, de deslocamento que constrói e trans(forma). Ainda nas palavras outras de Bakhtin (2012) a divisão arquitetônica

entre o mundo do eu e todos aqueles mundos de outros não é negativa, nem excludente, é antes deslocamento que constrói, que completa.

A leitura evento no ciberespaço permite ‘dizer de novo’ e ser diferente a cada dizer, a palavra renovada, rejuvenescida, incorporada de outros sentidos que, apesar de novos, não abandonaram os sentidos passados, posto que ainda os refletem. A mesma palavra que não é a mesma, a mesma leitura com diferentes dizeres – é o igual e o diferente juntos porque o sujeito é outro, em outro tempo, espaço e cultura.

Os sujeitos leitores na internet estão inseridos em um mundo com configuração e diretrizes próprias e, por isso, imersos em seus valores, códigos morais, cultura, contexto histórico, linguagem própria do meio digital e virtual, ou seja, o sujeito está em um mundo elaborado, e com tudo isso se confronta para então contribuir e participar com seu tom, sua marca singular – a alteridade. Não há passividade nesta relação, ao contrário, há reflexão de valores que expandem ainda mais, abrindo-se a outros sentidos. Com a leitura no ciberespaço é o mesmo percurso de entendimento, cada palavra, cada obra, enquanto enunciado, é sempre resultado da relação dialógica, do conglomerado de vozes que lhe foram atribuídos por outros sujeitos em outros espaços e tempos – um movimento contínuo e nunca de limitação, sempre de abertura, de possibilidades outras.

De acordo com Petrilli (2013, 41), a palavra é sempre a expressão do encontro de alteridades. A palavra, o enunciado, a consciência são produtos da interação social e, nesse sentido, dialógicas:

Cada membro do coletivo falante nunca encontra a palavra como palavra neutra na língua, livre de intenções, não habitada por vozes do outro. Não, ele recebe a palavra da voz do outro e cheia da voz do outro, No seu contexto, palavra chega de um outro contexto, penetrada por intenções do outro. A sua própria intenção encontra a palavra já habitada. É por isso que a orientação da palavra entre as palavras, os diferentes modos de ouvir a palavra do outro e os diferentes modos de reagir a ela são talvez os problemas mais essenciais do estudo metalinguístico de cada palavra, inclusive da palavra artística. Em cada corrente de dada época é peculiar um sentimento da palavra e uma gama de possibilidades de exercício da palavra. (BAKHTIN, 1963, apud PETRILLI, 2013)

As concepções bakhtinianas sobre dialogismo e alteridade são fundamentais para o caminho trilhado nesta discussão – entre os percursos, a compreensão de uma leitura evento -, perceber as conexões estabelecidas entre os enunciados e a constituição dos sujeitos pela leitura, é de fato a pedra angular para se compreender a leitura nestes outros espaços e estes sujeitos. Petrilli(2013) retoma Bakhtin quando aponta que para ler um texto é necessário um

outro, a leitura somente é possível à luz de um outro texto, e a autora depois ressalta não se tratar somente ou propriamente de fontes textuais, mas abre o texto à alteridade, à intrínseca relação dialógica entre texto e leitor estabelecido num tempo e num espaço:

[...]o con-texto posterior representado pelo leitor (que desenvolve um papel de central importância na interpretação de um texto, acima de tudo, quando se trata da interpretação realizada em termos de compreensão responsiva, ou seja, a outros graus de alteridade). (PETRILLI, 2013, p.46)

A leitura é dialógica não somente pelo fato de naturalmente exigir a compreensão responsiva da parte do leitor, mas por estabelecer em si a alteridade quando refletida pelas outras leituras já realizadas sob outras perspectivas – é a palavra em relação à palavra outra.

Considerando a noção de arquitetura bakhtiniana e aplicando-a à leitura, é pelo ato de ler que se estabelece a relação eu e outro como centros de valores distintos em espaços virtuais de leitura, porém correlacionados no existir e envoltos pelo tom avaliativo diferente no que tange este fato.

Considerações que abrem à completude

Este momento é uma tentativa de acabamento para uma discussão, um processo que se abre ao diálogo infinito na cadeia de sentidos sobre leitura e sujeitos leitores na cibercultura e em ciberespaços. Há neste lugar, muito mais, um desejo de manutenção de um diálogo fecundo que consiga ampliar ainda mais as possibilidades de trabalho com a leitura e, principalmente, um querer dizer preenchido de entonações e valorações sobre a prática leitora que contempla o sujeito leitor e considera as transformações sociais, tecnológicas e culturais próprias da humanidade e das atividades de linguagem.

Observar a leitura à luz do ciberespaço e da cibercultura é uma provocação para rever conceitos, construir novos pressupostos, lançar diferentes sentidos em direção aos outros modos de realizar um ato historicamente elitizado - ler. Portanto, observar e refletir sobre as práticas de leitura a partir da cibercultura e da filosofia da linguagem representa entrar no tecido dialógico da vida pela linguagem e através das atividades humanas com coragem para descobrir nuances. No texto *Para uma filosofia do ato responsável* (2012) aparece um percurso bastante importante, numa percepção particular, para pensar a leitura como acontecimento que promove a alteridade e nos sujeitos como promotores da interlocução e instauradores de sentidos. E pensar a leitura como evento do ato responsável e responsivo,

abre outras e novas possibilidades de atos, de respostas e de posições nunca passivas sobre como conceber a leitura e o sujeito leitor em um espaço, tempo e cultura peculiares.

Neste horizonte dos estudos de Bakhtin, Petrilli (2013, p. 87) afirma que cada expressão individual é composta de sentido, possui uma orientação, uma entonação, um valor – semântico, teórico, cognitivo, axiológico, estético, ético, etc. – é investida de sentidos pluridirecionais. Para dar destaque ao que diz, Petrilli traz Bakhtin para afirmar o propósito da linguagem:

[...]E em todos esses momentos (palavra conceito e a entonação da palavra) a palavra cheia e única pode ser responsabilmente significativa: pode ser verdade e não somente algo de subjetivo e fortuito. Claro, não é necessário superestimar o poder da linguagem: o existir-evento irrepitível e único e a ação que participa disso são, fundamentalmente, exprimíveis, mas de fato trata-se de uma tarefa muito difícil, uma plana adequação é fora das possibilidades, ainda que permaneça sempre como fim. (BAKHTIN, 1920-24, trad.it.2009:84, Apud, PETRILLI, 2013, p.87)

A leitura conduz e produz uma multiplicidade de ecos e valores, especialmente no ciberespaço, terreno igualmente plural e multiplicador de vozes. O fato é que os sujeitos estão em construção no espaço-tempo de realização da leitura-evento, da realização da palavra literária (por excelência polifônica) ressoando no diálogo da leitura no ciberespaço.

A constituição dos sujeitos leitores na sociedade da cibercultura é inevitavelmente responsável, parte de um ato único, singular dentro de um sistema ético e estético e representa o momento do agir-existir desses sujeitos naquele espaço-tempo de leitura que escuta e de escritura que muito diz sobre o tom apreciativo daqueles sujeitos que escolheram, optam livremente, ler naquele terreno ou, ainda, que encontraram a possibilidade democrática de acessar a leitura naquele espaço. Para ressoar nos corações pesquisadores e apaixonados pela leitura, por enquanto, lançamos um pensamento construído a partir das experiências e vivências de leitura no ciberespaço: Ler é também responder à palavra outra no texto e pulverizá-la com uma série de palavras nossas e isto, em tempos de cibercultura, é um ato de resistência e persistência, de transformação e revelação das práticas leitoras na sociedade do ciberespaço.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; Introdução ao russo Paulo Bezerra; 6ª Ed. São Paulo, Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: Teoria do romance**. 4ª. ed, São Paulo: UNESP.1998, 143.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 5ª Ed, São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2012.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 8ª. Ed. 2016.

LEMOS, André. **Cibercultura, cultura e identidade: em direção a uma cultura “copyleft”**. Revista Contemporânea, vol 2, n. 2. P. 9-22. Dez. 2004. Disponível em <<file:///C:/Users/Cliente/Desktop/3416-Texto%20do%20Artigo-8151-1-10-20090708.PDF>> Acesso em 16 de dez, 2022.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999.

PETRILLI, Susan. **Em outro lugar e de outro modo**. Filosofia da linguagem, crítica literária e teoria da tradução em, em torno e a partir de Bakhtin. São Carlos. Pedro & João Editores, 2013. 415p.

PONSIO, Augusto. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. In: BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

SCLIAR, Moacyr. O valor simbólico da leitura. In: AMORIM, Galeno (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002 143 Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>, acesso em 13 de dezembro de 2022.